

Reportagem realizada por Julio Américo

Viveirismo: alternativa de inclusão social e resgate da consciência ecológica para agricultores do brejo paraibano

Projeto financiado pelo cnpq/ctagro vem desenvolvendo e aprimorando técnicas de silviculturismo e produção de mudas arbóreas como alternativa de geração de emprego e renda, inclusão social e consciência ecológica.



Aula do curso de sementes

Mãos que movem corações unem esforços, realizam desejos. Mãos que acariciam a terra e promovem a fusão de solo e semente. Mãos dadas gerando esperança e dignidade. Mãos a serviço da comunidade. São as mãos e as idéias de professores, funcionários e alunos do Setor de Silvicultura do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Campus II que, desde 2005, através de um projeto financiado pelo CNPq/CT-Agro e com a participação do Laboratório de Ecologia Vegetal, vem trabalhando com o objetivo de desenvolver e aprimorar técnicas silviculturais, de reflorestamento e de produção de mudas arbóreas para cultivo em diversas comunidades rurais, nos municípios de Areia, Bananeiras e Pilões, na região do Brejo Paraibano.

Trata-se do PROJETO “*Gestão Participativa para produção e oferta de mudas de espécies arbóreas de uso múltiplo, destinadas a unidades de produção familiar na região do Brejo Paraibano*”, coordenado por Leonaldo Alves de Andrade, professor de Silvicultura do Centro de Ciências Agrárias da UFPB. Mais conhecido como “*Extensão Florestal e Viveirismo para Agricultores Familiares*”, o projeto gerou uma das poucas unidades produtoras de mudas florestais e de incentivo à silvicultura no Estado. A Silvicultura é uma ciência que estuda métodos de regeneração e melhoramento dos povoamentos florestais, bem como a sua aplicação na manutenção, aproveitamento e uso racional das florestas. Nesse contexto, o Viveirismo, conjunto de técnicas de produção e cultivo de mudas, surge como uma estratégia de difusão da atividade florestal, ainda pouco difundida no nordeste, e uma alternativa geradora de trabalho e renda para o povo do Brejo Paraibano.

A primeira semente

Segundo o Prof. Leonaldo Andrade, o projeto surgiu da necessidade de orientação dos agricultores de comunidades próximas do Campus II da UFPB a respeito da relação sustentável entre plantio, colheita e preservação de árvores nativas. Muitos deles procuravam a universidade em busca de mudas para plantio. Como a demanda foi crescendo, a UFPB passou a procurar parcerias e recursos para atender a esse público, apostando principalmente em sua formação técnica. “A procura por mudas no viveiro era permanente e não tínhamos como produzir milhares de mudas para doação por falta de recursos financeiros. Assim, começamos a fazer contatos com diversas lideranças e agências de fomento para tornar possível a continuação desse serviço”, conclui o professor.



Professor Leonaldo

A partir do diagnóstico da realidade regional, o projeto iniciou o trabalho, de forma participativa, iniciando agricultores e agricultoras familiares nas técnicas de coleta, beneficiamento e armazenamento de sementes florestais, na produção de mudas e no plantio das mesmas, aliando princípios da silvicultura e agroecologia, sintonizados com a realidade local.



Construção dos canteiros

Estimulando a prática do viveirismo enquanto alternativa de melhoria na qualidade de vida e, conseqüentemente, de inclusão social, o projeto pretendia também promover a melhoria do espaço

biofísico daquelas localidades, como decorrência de um meio ambiente mais equilibrado, com mais água, com menos poluição, e com oferta de produtos que são imprescindíveis ao meio rural como madeira, carvão lenha, frutos etc.

As ações

O projeto atendeu a agricultores, desenvolvendo atividades de extensão florestal e viveirismo, com foco na formação de pessoal. Os beneficiários do projeto aprenderam e aprimoraram, através de oficinas, cursos e palestras, técnicas de preservação de espécies nativas;

cultivo e melhoria de mudas arbóreas para o plantio; preservação e melhor utilização do solo e da água; além de respeito à biodiversidade, com o cultivo de sementes próprias de cada lugar.

Inicialmente, foram feitos oito Cursos de Viveirismo, dos quais participaram mais de 300 pessoas. Nos cursos, o viveirismo foi focado do ponto de vista teórico-prático, contemplando o conteúdo teórico onde se via como montar um viveiro e desenvolver as técnicas de viveirismo, mas também o exercício prático das técnicas apresentadas, realizados no Laboratório de Ecologia Vegetal e também no viveiro, onde se concretizavam todas as etapas de produção das mudas. As sementes utilizadas na produção das mudas, nos dois anos de execução do projeto, foram coletadas através das expedições técnicas realizadas nos fragmentos de matas da região, nos povoados próximos da universidade e nas comunidades das regiões atingidas pelo Projeto.



Plantação de mudas no curso

Como resultado dos cursos, foram produzidas cerca de 153 mil mudas de diversas espécies nativas e de uso múltiplo, inclusive de mata atlântica, muitas das quais em risco de extinção, além de outras de mata ciliar para serem plantadas nas margens dos rios e das lagoas, garantindo a oferta de água nesses mananciais.

Em seguida, foi criada uma rede de distribuição para fazer chegar tanto aos participantes dos cursos como a outros agricultores de suas respectivas comunidades, as sementes produzidas.

Uma construção coletiva



Reunião da equipe do projeto

O projeto, em todas as suas etapas, foi desenvolvido com a participação direta dos beneficiários. Os agricultores ajudaram na composição e estruturação da proposta, na montagem do projeto, na etapa inicial da coleta de sementes, na organização e construção dos cursos que eles receberam e na produção das mudas. Esse trabalho foi viabilizado a partir do contato feito com as lideranças dos assentamentos e comunidades rurais que, por sua vez, mobilizaram os agricultores de diferentes localidades nos municípios de Bananeiras, Areia, Pilões, Serraria, Solânea e outros de regiões adjacentes. Os agricultores manifestaram, inclusive, o seu interesse não apenas de participar dos cursos e receber as mudas, mas de construir com a equipe do projeto listas de espécies que foram oferecidas como subsídio para que, a partir delas, fossem produzidas as demais mudas que seriam plantadas por eles.

A parceria encurtando distâncias

Durante a execução do projeto, um dos elementos importantes para garantir a eficácia do trabalho desenvolvido, foi a construção de parcerias. A partir da demanda e das necessidades surgidas, foram feitos contatos com ONGs, associações comunitárias e de assentamentos, sindicatos rurais, movimentos sociais, paróquias, instituições governamentais e outras entidades e, em seguida, firmadas as parcerias que viabilizaram a superação das dificuldades.



Transporte de mudas em caminhão

Leonardo nos conta: “tivemos algumas parcerias em nível institucional, formal, e outras informais que foram sendo estabelecidas durante a realização do projeto. Inicialmente tivemos uma parceria com uma ONG denominada Diálogo Nordestino, sediada em Bananeiras. Essa ONG teve um papel importante na execução do projeto, principalmente encurtando distâncias que, por nossas limitações de transporte, não conseguíamos chegar. Ela transportava mudas, trazia os agricultores das várias comunidades que atendíamos para os cursos e reuniões, possibilitando que o projeto chegasse àquelas comunidades de maneira efetiva, tanto através dos cursos quanto através das mudas, que foram distribuídas e plantadas”.



Transporte de mudas

Na etapa de distribuição de mudas, a contrapartida das comunidades beneficiadas pelo projeto era transportar e plantar as mudas produzidas. Porém, por serem carentes, não possuíam estrutura de transporte nem recursos para fretar veículos com esse fim. Aquelas comunidades acompanhadas pela ONG Diálogo Nordestino conseguiram fazer o transporte com recursos daquela entidade. No entanto, outros municípios, inclusive Areia e adjacências, não conseguiram levar as mudas para as suas comunidades. Naquelas circunstâncias, entraram em cena outros parceiros que não estavam listados inicialmente

entre aqueles incluídos no projeto. Apoiaram o projeto a Embrapa, em Campina Grande, a Delegacia Federal da Agricultura, em João Pessoa, a Prefeitura Municipal de Areia, o Incra e outros que foram essenciais para fazer chegar às comunidades as mudas produzidas.

A colheita dos frutos

Um dos grandes méritos do Projeto foi fazer chegar às comunidades os frutos do Projeto. Na estação chuvosa de 2006, todas as 153 mil mudas produzidas foram distribuídas com um elenco enorme de comunidades. Em determinados dias, saíram entre 10 e 15 caminhões de mudas para os mais diferentes municípios aqui da Paraíba, atingindo a região do brejo e adjacências. A divulgação foi feita pelos próprios agricultores. Foram beneficiados mais municípios do que o previsto inicialmente, o que veio confirmar o Viveirismo como legítima alternativa de inclusão social.

Por outro lado, o projeto criou em muitos o estímulo para iniciar pequenos negócios com produção e venda de mudas de tipos diversos. Na I Semana de Agropecuária – I SEAGRO, realizada no Campus II da UFPB, em Areia, numa feira de produtos agrícolas e outros insumos, existiam pelo menos três bancas vendendo mudas produzidas pelas comunidades para as quais foram ministrados cursos de viveirismo.

Nas comunidades da região, já estão sendo produzidas mudas para venda. São plantas ornamentais, medicinais, para arborização urbana, plantas nativas que, de um modo geral, não eram vistas como um patrimônio a ser preservado. Há relatos de procura por parte de diversos grupos, inclusive no Campus da UFPB, a exemplo de um grupo de jovens de uma comunidade de Areia, que pretende instalar e administrar um viveiro como fonte de trabalho e renda para a manutenção de seus membros.



Reunião da equipe com agricultores

Outro aspecto importante do projeto foi poder ir além das técnicas e através da vivência com as comunidades, seja nos cursos ou nas visitas, fazer um trabalho de formação da consciência. No contato com o público jovem, percebeu-se que muitas das espécies nativas, comuns nas comunidades deles, com o tempo, foram se tornando raras e as gerações mais novas foram perdendo esse patrimônio.

Por outro lado, o processo de massificação dos valores, protagonizado principalmente pela mídia dos eletroeletrônicos, dos novos padrões de consumo, das embalagens e dos estereótipos, também acabou contribuindo para que as novas gerações perdessem o interesse por suas raízes culturais, suas memórias e seu meio, prejudicando a sua relação com as plantas, os animais e o ambiente em que vivem.

Nesse contexto, o projeto ajudou a resgatar a memória etnobotânica da região e a relação das pessoas com o seu meio. O público jovem, por exemplo, acabou conhecendo espécies que se tornaram raras e só os mais velhos conheciam, a exemplo do cedro, aroeira, sucupira, ipê, entre outras.

Uma outra contribuição essencial para a região foi a proteção de espécies ameaçadas de extinção, que passaram a ser produzidas nos viveiros. Outras plantas frutíferas, medicinais, melíferas, a exemplo do sabiá e jacarandá, assim como as usadas na produção de madeira, carvão, lenha, estacas e corantes naturais estavam entre as mudas produzidas. Além disso, por meio do projeto, os agricultores construíram unidades de mudas para repovoar matas ciliares, em margens de rios e lagoas, com o objetivo de preservar e garantir a disponibilidade de água na região.

Por fim, é fundamental destacar a contribuição do projeto do ponto de vista da repercussão que teve em sua equipe. Um exemplo contundente dessa realidade é a experiência de André Andrade Santos Costa, técnico agrícola cursando o terceiro período de biologia e bolsista do projeto. Ele afirma que aprendeu muito com o projeto, desde o exercício daquilo que adquiria de conhecimento na academia até o reconhecimento da importância do conhecimento popular para ele e para a universidade. “Antes eu tinha uma amizade reduzida, que era papel, e hoje eu tenho uma verdadeira parceria com a comunidade porque cada dia a gente aprende mais com o povo do campo, pois eles têm a base, o dia-a-dia, a experiência e a vivência, e vamos aprendendo, modificando algumas coisas e colocando em prática outras que eles nos indicam”, enfatiza.

UFPB: Ação transformadora

Como instituição pública comprometida com a educação integral, a UFPB teve um papel importante na realização do Projeto financiado pelo CNPq/CT-Agro, por protagonizar um de seus principais méritos que foi abrir as suas portas e trazer as pessoas da comunidade para dentro dos laboratórios e das demais dependências do Campus. Foram mais de 300 pessoas que passaram pelas cadeiras da universidade, entraram nos laboratórios, puseram as mãos nos equipamentos, pegaram a terra, encheram os sacos, aprenderam a diferenciar sementes que antes nem conheciam.

Através da extensão, a UFPB tem resgatado o seu potencial de transformação do meio em que está inserida. Para Leonaldo, a forma como a universidade pública tem chegado à comunidade, através de projetos de extensão como esse, vem evidenciar o seu papel fundamental na relação com a sociedade e o reflexo da mudança de postura dos dirigentes das universidades nos últimos anos em relação à extensão. “Eu só tenho a registrar resultados positivos, tanto para a comunidades dos beneficiários quanto para a própria universidade que, abrindo suas portas mostra serviço, produz, leva conhecimento até as pessoas, beneficia a sociedade pois nós estamos também a serviço dessa sociedade, não apenas como ensino mas também como extensão, com ações capazes de transformar e melhorar a vida das pessoas”, explica.

Para Leonaldo, a partir da realização do Projeto, a universidade foi extremamente beneficiada, vista, lembrada. O número de pessoas que acorreram à universidade e hoje a procura mudou radicalmente. Rosilene Balbino de Sousa, agricultora da região, acrescenta: “isso mostra que a universidade não está deixando os agricultores, o pessoal dos sítios abandonados”. Lucilene Balbino da Silva Sousa, que também participou dos cursos de viveirismo, conclui: “se existe uma universidade do porte que é a UFPB aqui no nosso município, é claro e evidente que os filhos da terra possam usufruir dela. Foi acertado pra gente esse curso e se viessem outros seria bem melhor pra nos auxiliar, principalmente aos agricultores que ainda residem, que ainda insistem em cultivar a terra aqui no município de areia”.

O PROJETO “Gestão Participativa para produção e oferta de mudas de espécies arbóreas de uso múltiplo, destinadas a unidades de produção familiar na região do Brejo Paraibano” é a prova contundente de que a universidade pública, realizando iniciativas como estas, construídas em bases sociais, é capaz de ser fiel ao seu papel fundamental de servir a sociedade, proporcionando benefícios, promovendo a vida e a dignidade, transformando mentalidades e mudando paradigmas.